

D. Pio Alves de Sousa: um testemunho pessoal

LUISA LEAL DE FARIA*

Quando cheguei à Reitoria da Universidade Católica, em Outubro de 2004, sabia que o Padre Pio tinha sido Vice-Reitor. Exercera o seu mandato durante o reitorado do Padre Isidro Alves, e eu não tivera, nesse período, muito contacto com ele. A minha actividade na Católica era reduzida, dado que leccionava em exclusividade na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e só vinha à Católica dar as quatro horas semanais de aulas que o protocolo entre as duas universidades autorizava. Nos primeiros anos em que fui Vice-Reitora, era Presidente do Centro Regional de Braga o Padre José Lima, e foi com ele que comecei a conhecer as Faculdades de Teologia e Filosofia, numa altura em que o Campus Camões estava ainda em construção, e a Faculdade de Ciências Sociais dava os primeiros passos.

Depois, em 2006, o Professor Pio foi nomeado Presidente do Centro Regional, e então os nossos contactos passaram a ser mais frequentes. De início, tenho que confessar que me intimidava um pouco. Sabia da sua longa experiência na Universidade, e observava o ar grave e sério com que acompanhava e intervinha nas reuniões do Conselho Superior. A Dra. Eugénia Rato, chefe de gabinete da Reitoria, falava-me dele com muito carinho e respeito, e tratava-o sempre por Doutor Pio. Pouco a pouco, fui conhecendo-o melhor. As nossas trocas de impressões, muitas vezes pelo telefone, foram-se transformando em conversas, em que do assunto específico que motivara o telefonema, passávamos a falar sobre o Centro Regional de Braga e sobre a Universidade Católica

* Vice-Reitora da Universidade Católica Portuguesa.

como instituição. Falávamos sobre medidas que era necessário tomar e sobre as pessoas que as executavam, trocando impressões, comparando experiências. Pouco a pouco, fui conhecendo nele uma inteligência sagaz, uma perspicácia infalível, um conhecimento da Universidade incomparável, tudo isto ancorado numa generosidade de espírito imensa. Uma generosidade enquadrada por firmeza, que não se deixava levar apenas pelo sentimento, mas que se ponderava, diante das decisões necessárias, com a convicção de quem está a cumprir um serviço à Igreja e à Universidade, que se sobrepunha à preferência ou ao interesse pessoal.

E depois fui descobrindo outra característica que decisivamente me conquistou: o seu sentido de humor, discreto mas sempre presente, sinal, de novo, de uma imensa generosidade de espírito e de capacidade para desmontar fabricações menos transparentes, sem apresentar juízos irredutíveis de condenação ou censura. Ao mesmo tempo, o que tinha que ser tratado a sério, era-o. Levava os assuntos até ao fim. Não deixava coisas pendentes, por serem difíceis ou incómodas. Mas sabia gerir as dificuldades, não raro resultantes de procedimentos já existentes e por isso muitas vezes legitimados já pelo uso, com diplomacia e sensibilidade. Sabia, também, perceber quando não valia a pena insistir e esperava, com prudência e paciência, o momento oportuno para agir. Eu costumava dizer, de mim para comigo, que o Professor Pio tinha a candura das pombas e a sabedoria das serpentes. Aprendia sempre com ele. Era com ele que falava quando tinha que enfrentar e resolver situações mais complicadas, que podiam ferir susceptibilidades ou sensibilidades. Os seus conselhos, sempre dados como se não o fossem, como se fossem meras observações ocasionais, eram sempre de valor inestimável. Amigo do seu amigo, fiel às suas convicções sobre o bem da Universidade, deu-me muitas vezes a necessária segurança para prosseguir em situações complexas, onde seria mais fácil ignorar ou deixar cair os problemas.

Não posso deixar de recordar a amizade e o respeito que dedicava à Professora Maria da Graça Ferreira Alves, que foi Directora da Faculdade de Ciências Sociais. A forma como sempre apoiou a sua condução dos destinos da Faculdade, num período particularmente difícil de reorganização interna e de redefinição da vocação desta Escola, foi sempre indefectível, acompanhando todas as escolhas e decisões com a solidez do seu conhecimento e a sensibilidade para a percepção dos escolhos que podiam atrapalhar o caminho. E recordo, com imenso carinho, a relação que eu própria desenvolvi com a Professora Maria da Graça, ao longo desses anos de intenso sentido de equipa formada com o Professor Pio e com ela, só terminado com o falecimento dela.

Mas o Professor Pio tinha outra vida, fora da Presidência do Centro Regional de Braga. Era Cónego da Sé de Braga, com a «dignidade» de Deão, em razão

da qual exercia as funções de Presidente do Cabido, e ocupava-se de inúmeros assuntos relacionados com a Sé. Entre estes, a preparação das celebrações da Semana Santa em Braga, para as quais, mediante o Presidente da respectiva Comissão, Cónego Jorge Coutinho, e em estreita ligação com ele, produzia, todos os anos, uma pequena brochura, lindíssima. O seu bom gosto, o seu sentido estético, marcaram alguns dos cartões de Boas-Festas que a Universidade seleccionou como sua imagem na época de Natal. Falando com ele pelo telefone, certa vez, a propósito destas actividades, disse-me, com o humor que lhe era próprio, que os Cónegos da Sé de Braga podiam usar o tratamento de Dom. A partir daí passei, quando me lembrava, a tratá-lo por D. Pio, e ele ria-se. Não sabia ainda que, algum tempo depois, a sua ordenação episcopal lhe iria trazer esta designação como parte da sua identidade: D. Pio Alves de Sousa, Bispo Auxiliar do Porto. O seu lema é «Caridade na Verdade» e estou certa que na sua acção será sempre fiel a estas palavras.

Há alguns meses atrás, fui a Braga participar num júri de provas académicas na Universidade do Minho. Como se tratava de uma agregação, fiquei de um dia para o outro, e pude dispor de uma manhã. Aproveitei para ir ver o Museu da Sé, que sabia ter sido obra sua. Na forma como tratou o espaço e a luz, como, usando de imensa contenção no acessório conduz o visitante a concentrar-se no essencial, ou seja, nas peças em exposição, no modo como identifica as peças, como soube criar um ambiente, ao mesmo tempo de recolhimento e alegria, de contemplação e aprendizagem, reencontrei a sobriedade elegante e a inteligência discreta do Padre Pio, do Doutor Pio, do Professor Pio, de D. Pio Alves de Sousa. Como agora, no desempenho das suas novas responsabilidades, tenho menos oportunidades de falar com ele, tenciono voltar ao Museu e matar saudades através da contemplação de uma das suas muitas obras.